**33º DOMINGO DO TEMPO COMUM (ANO C)**

Santa Agostinha (Lívia) Pietrantoni, virgem; Beato Carlos Lampert, presbítero e mártir

*Mal* 3, 19-20; *Sal* 97; 2 *Tes* 3, 7-12; *Lc* 21, 5-19

*O Senhor virá governar com justiça*

**COMENTÁRIO**

«*Eu vos darei língua e sabedoria*» *– Fé e missão cristã no tempo “final”*

Ao aproximar-se o fim do ano litúrgico, a Palavra de Deus nas leituras deste domingo convida-nos novamente a olhar para as “últimas coisas” da história. Num tal contexto, três frases-chave emergem do Evangelho sobre o qual precisamos de nos deter para acolher profundamente a mensagem de Cristo a todos os Seus discípulos missionários no mundo, tanto de ontem como de hoje.

*1. “Dias virão” – A certeza do fim*

O que Jesus disse sobre o templo em Jerusalém, «ornado com belas pedras e piedosas ofertas», soava como uma profecia e uma advertência ao mesmo tempo: «Dias virão em que, de tudo o que estais a ver, não ficará pedra sobre pedra: tudo será destruído.» Trata-se, com efeito, da previsão da destruição total do templo, que ocorreu mais tarde, em 70 d.C., pela mão dos soldados romanos. No entanto, mais do que uma mera profecia, as palavras de Jesus serviram na realidade como um alerta para reflectir sobre os dias do fim que estavam para vir na história, como se Ele quisesse chamar todos, especialmente os Seus discípulos à reflexão: «Cuidado! Há um fim para cada coisa que existe, aliás, há um fim para tudo no mundo.» Tudo passa, ou como diz São Paulo, «a aparência deste mundo passa» (*1 Cor* 7, 31). Cada aparência, por mais esplêndida e aparentemente duradoura, passará no fim dos tempos.

Além disso, com a expressão «dias virão», o tom de Jesus, como no ensinamento que se segue, é precisamente o dos profetas do Antigo Testamento sobre o dia do julgamento final do Senhor, como ouvimos no livro do profeta Malaquias: «Há-de vir o dia do Senhor, ardente como uma fornalha.» O final trágico do templo de Jerusalém torna-se a imagem emblemática do tempo final da história humana. Deve ser salientado, contudo, que a declaração de Jesus a este respeito não é uma profecia isolada, mas a continuação de vários pronunciamentos sobre o destino de Jerusalém. Em particular, pouco antes deste episódio, Jesus tinha chorado à vista desta cidade de Deus, proferindo as seguintes palavras significativas: «Se também tu tivesses reconhecido neste dia aquilo que te conduz à paz! Mas agora está escondido dos teus olhos. Porque dias virão sobre ti em que os teus inimigos te rodearão de trincheiras, te cercarão e te apertarão de todo o lado; hão-de aniquilar-te, e aos teus filhos contigo, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, dado que não reconheceste o tempo da tua visita» (*Lc* 19, 42-44). Por detrás da destruição está a rejeição de “aquilo que te conduz à paz” e a incapacidade de reconhecer e assim acolher “o tempo” da visita do Senhor. Nesta perspectiva, a verdade sobre Jerusalém será também um aviso que a Palavra de Deus deixa a cada crente para procurar a sabedoria do discernimento, para acolher Deus no tempo oportuno, especialmente quando o fim se aproxima.

*2. «Tende cuidado; não vos deixeis enganar» – A importância do discernimento em tempo de guerras e conflitos*

À curiosidade de muitos sobre o “quando” ocorrerá a destruição de Jerusalém e “que sinal” a anunciará, o Mestre de Nazaré não entra em detalhes concretos, mas apenas oferece indicações gerais com um convite a um discernimento particularmente cuidadoso: «Tende cuidado; não vos deixeis enganar.» Na descrição dos fenómenos e infortúnios antes do fim do templo e simbolicamente do mundo, a linguagem e as imagens ecoam as dos profetas do Antigo Testamento. No entanto, parece que estamos a ouvir as crónicas dos nossos dias com as notícias «de guerras e revoltas», «povo contra povo e reino contra reino», «grandes terramotos e, em diversos lugares, fomes e epidemias»! Estamos, portanto, sempre no tempo final e no fim dos tempos. Portanto, o conselho concreto de Jesus aos Seus para um bom discernimento e acção permanece sempre válido: «Não os sigais» (aos falsos auto-proclamados messias-salvadores) e «não vos alarmeis». Aqui ecoa a comovente exortação de Cristo aos discípulos no Cenáculo antes da Sua partida: «Não se perturbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim» (*Jo* 14, 1). A força e a calma sábia dos discípulos em tempo de guerras e conflitos serão sempre firmes graças à fé, também entendida como confiança, em Deus e em Cristo. Aliás, como Jesus sublinha no final do discurso: «Pela vossa perseverança salvareis as vossas almas.» É a perseverança na fé que salva.

*3. «Eu vos darei língua e sabedoria» – A coragem do testemunho a e com Cristo, o Senhor*

Por fim, falando em linguagem profética de situações turbulentas, Jesus sublinha a realidade da perseguição dos Seus discípulos pelos poderosos do mundo e recorda novamente a sua vocação/missão de testemunhar em todas as circunstâncias. O contexto do ensinamento aqui apresentado indica que o testemunho dos cristãos significa responder a “reis e governadores” em tribunal, explicando e defendendo a sua fé em Cristo. Trata-se precisamente de dar razão da esperança que temos, como Jesus nos pediu, o que encontra ressonância na exortação de São Pedro: «Se padecerdes por amor da justiça, sois bem-aventurados. E não temais com medo deles, nem vos turbeis; Antes, santificai ao Senhor Deus em vossos corações; e *estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós*» (*1 Pd* 3, 14-15). E São Pedro continua com uma recomendação prática importante para todos os tempos: «mas com bons modos, com respeito e mantendo uma consciência limpa. Assim, quando fordes difamados em alguma coisa, aqueles que criticam o vosso bom comportamento em Cristo ficarão confundidos» (*1 Pd* 3, 16).

Por fim, a propósito do testemunho dos discípulos ao seu Mestre e Senhor, encontramos a recomendação “estranha” de «não deveis preparar a vossa defesa» que ecoa as palavras anteriores de Jesus em Lucas, quando Ele, exortando os Seus a terem a coragem de O “reconhecer” diante dos homens, sugeriu: «Quando vos conduzirem às sinagogas, aos magistrados e potestades, não estejais solícitos de como ou do que haveis de responder, nem do que haveis de dizer» (*Lc* 12, 11). Depois explicou a razão desse conselho: «Porque na mesma hora vos ensinará o Espírito Santo o que vos convenha falar» (*Lc* 12, 12). Este ensinamento encontra-se também no Evangelho de Mateus, quando Cristo enviou os Seus discípulos numa missão para anunciar o Reino de Deus (cf. *Mt* 10,19-20).

A comparação destes textos paralelos traz à tona dois aspectos importantes. O primeiro é que todos os cristãos são chamados a testemunhar Cristo perante os homens, especialmente em tempos de turbulência e perseguição. A vocação para proclamar Cristo e o Seu Evangelho não é um compromisso para poucos, mas um privilégio de todos. Cada cristão, como o Papa Francisco insiste, é ao mesmo tempo discípulo e missionário. O segundo aspecto é que no dar testemunho de Jesus, os discípulos-missionários serão acompanhados por Ele próprio com o Espírito Santo, que é o “Espírito do Pai” e também o “Espírito de Jesus”. Portanto, o apoio directo de Jesus aos discípulos (“Eu [Jesus] vos darei língua e sabedoria”) é sublinhado, por um lado, e por outro, a acção do Espírito neles «nessa hora». É por isso que, para dar testemunho de Cristo, a preparação necessária pedida a cada discípulo é sobretudo ao nível “divino-espiritual”: é estar sempre em constante comunhão com Jesus e, portanto, com o Seu Espírito. É por isso que o próprio Jesus insiste com os Seus discípulos que envia ao mundo, reiterando: «Estai em Mim, e Eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em Mim. [...] Não Me escolhestes vós a Mim, mas Eu vos escolhi a vós, e vos nomeei, para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça» (*Jo* 15, 4.16).

Terminamos, então, com uma oração simples, atribuída a São Francisco de Assis, porque exprime o seu espírito de discípulo-missionário em dar testemunho de Cristo e do Seu Evangelho de amor e de paz, num tempo de guerras, divisões e ódio:

*Senhor,
Fazei de mim um instrumento da Vossa Paz.*

 *Onde houver Ódio, que eu leve o Amor,
Onde houver Ofensa, que eu leve o Perdão.
Onde houver Discórdia, que eu leve a União.
Onde houver Dúvida, que eu leve a Fé.
Onde houver Erro, que eu leve a Verdade.
Onde houver Desespero, que eu leve a Esperança.
Onde houver Tristeza, que eu leve a Alegria.
Onde houver Trevas, que eu leve a Luz!*

*Ó Mestre,
fazei que eu procure mais:
consolar, que ser consolado;
compreender, que ser compreendido;
amar, que ser amado.
Pois é dando, que se recebe.
É perdoando, que se é perdoado e
é morrendo, que se vive para a vida eterna!*

*Amén!*

*Citações úteis:*

**Papa Francisco, Encontro de oração com os bispos, os sacerdotes, os consagrados, os seminaristas e os agentes da pastoral,***Igreja do Sagrado Coração em Manama (Bahrein),* Domingo, 6 de Novembro de 2022

[…] O Espírito é *fonte de profecia*. Como sabemos, a história da salvação está constelada por numerosos profetas que Deus chama, consagra e envia ao meio do povo para falar em nome d’Ele. Os profetas recebem do Espírito Santo a luz interior que os torna intérpretes atentos da realidade, capazes de captar, nas tramas por vezes obscuras da história, a presença de Deus e de a indicar ao povo. Com frequência, as palavras dos profetas são pungentes: chamam pelo nome aos projectos maus que se abrigam no coração das pessoas, põem em crise as falsas seguranças humanas e religiosas, convidam à conversão.

Também nós temos esta vocação profética: todos os baptizados receberam o Espírito e todos são profetas. E, como tal, não podemos fingir que não vemos as obras do mal, deixar-nos estar tranquilos na vida para não sujarmos as mãos. Um cristão, mais cedo ou mais tarde, tem de sujar as mãos para viver a sua vida cristã e dar testemunho. Pelo contrário, recebemos um Espírito de profecia para trazer à luz o Evangelho com o nosso testemunho de vida. Por isso São Paulo exorta: «aspirai aos dons do Espírito, mas sobretudo ao da profecia» (*1 Cor* 14, 1). Esta torna-nos capazes de praticar as Bem-aventuranças evangélicas nas situações quotidianas, isto é, construir com firme mansidão aquele Reino de Deus onde o amor, a justiça e a paz se opõem a toda a forma de egoísmo, violência e degradação.

**Papa Francisco**, **Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 2022**, «Sereis Minhas testemunhas» (*Act* 1, 8)

Como «ninguém pode dizer: “Jesus é Senhor” senão pelo Espírito Santo» (*1 Cor* 12, 3), também nenhum cristão poderá dar testemunho pleno e genuíno de Cristo Senhor sem a inspiração e a ajuda do Espírito. Por isso cada discípulo missionário de Cristo é chamado a reconhecer a importância fundamental da acção do Espírito, a viver com Ele no dia-a-dia e a receber constantemente força e inspiração d’Ele. Mais, precisamente quando nos sentirmos cansados, desmotivados, perdidos, lembremo-nos de recorrer ao Espírito Santo na oração (esta – permiti-me destacá-lo mais uma vez – tem um papel fundamental na vida missionária), para nos deixarmos restaurar e fortalecer por Ele, fonte divina inesgotável de novas energias e da alegria de partilhar com os outros a vida de Cristo. «Receber a alegria do Espírito é uma graça; e é *a única força* que podemos ter para pregar o Evangelho, confessar a fé no Senhor» (Francisco, *Mensagem às Obras Missionárias Pontifícias*, 21/V/2020). Assim, o Espírito é o verdadeiro protagonista da missão: é Ele que dá a palavra certa no momento justo e sob a devida forma.

**Papa Francisco**, ***Angelus***, Praça de São Pedro, Domingo, **17 de Novembro de 2019**

[…] Pensemos nas tantas guerras de hoje, nas muitas calamidades de hoje. […] E qual é a atitude do cristão?É a atitude de esperança em Deus que torna possível não se deixar dominar por acontecimentos trágicos. Na verdade, eles são «ocasião de dar testemunho» (v. 13). Os discípulos de Cristo não podem permanecer escravos dos medos e das angústias; pelo contrário, são chamados a viver a história, a deter a força destruidora do mal, com a certeza de que a ternura providente e tranquilizadora do Senhor acompanha sempre a sua acção de bem. Este é o sinal eloquente de que o Reino de Deus vem até nós, isto é, que a realização do mundo como Deus o quer está a aproximar-se. É Ele, o Senhor, quem conduz as nossas vidas e conhece o propósito último das coisas e eventos.

O Senhor chama-nos a colaborar na construção da história, tornando-nos, com Ele, pacificadores e testemunhas de esperança num futuro de salvação e ressurreição. A fé faz-nos percorrer com Jesus os caminhos muitas vezes tortuosos deste mundo, na certeza de que o poder do seu Espírito vencerá as forças do mal, submetendo-as ao poder do amor de Deus. O amor é superior, o amor é mais poderoso, porque é Deus: Deus é amor. Os mártires cristãos são um exemplo para nós – os nossos mártires, também do nosso tempo, que são mais numerosos do que no início – que, apesar das perseguições, são homens e mulheres de paz. Dão-nos uma herança para preservar e imitar: o Evangelho do amor e da misericórdia. Este é o tesouro mais precioso que nos foi dado e o testemunho mais eficaz que podemos transmitir aos nossos contemporâneos, respondendo ao ódio com amor, à ofensa com o perdão. Até na nossa vida quotidiana: quando recebemos uma ofensa, sentimos dor; mas devemos perdoar de coração. […]

**Papa Francesco**, ***Angelus***, Praça de São Pedro, Domingo, **17 de Novembro de 2013**

O Evangelho deste domingo (cf. *Lc* 21, 5-19) consiste na primeira parte de um discurso de Jesus: sobre os últimos tempos. […] Este discurso de Jesus é sempre actual, também para nós que vivemos no século XXI. Ele repete-nos: «Prestai atenção para não serdes enganados. Muitos virão em meu nome» (v. 8). Trata-se de um convite ao discernimento, aquela virtude cristã de compreender onde se encontra o espírito do Senhor e onde está o espírito maligno. Com efeito, também hoje existem «salvadores» falsos, que procuram substituir-se a Jesus: líderes deste mundo, santões e até feiticeiros, personagens que desejam atrair a si as mentes e os corações, especialmente dos jovens. Jesus alerta-vos: «Não os sigais! Não os sigais!»

E o Senhor ajuda-nos também a não ter medo: perante as guerras e as revoluções, mas inclusive diante das calamidades naturais e das epidemias, é Jesus quem nos liberta do fatalismo e das falsas visões apocalípticas. O segundo aspecto interpela-nos precisamente como cristãos e como Igreja: Jesus prenuncia provações dolorosas e perseguições que os Seus discípulos deverão padecer por causa d’Ele. No entanto, assegura: «Não se perderá um só cabelo da vossa cabeça» (v. 18). Ele recorda-nos que estamos totalmente nas mãos de Deus! As adversidades que encontramos devido à nossa fé e à nossa adesão ao Evangelho constituem ocasiões de testemunho; elas não devem afastar-nos do Senhor, mas impelir-nos a abandonar-nos ainda mais a Ele, à força do seu Espírito e da sua Graça.